

GRAÇA MACHEL

Texto preparado para apresentação de Graça Machel numa Grande Conferência na Fundação Gulbenkian, prevista para 12 de Outubro de 2010 e cancelada dias antes

Quando Graça Simbine nasceu, naquele ano ainda não muito longínquo de 1945, só dois países africanos tinham o estatuto de Estados independentes. De um lado, a Etiópia, o antiquíssimo reino da Abissínia, do outro, a Libéria, criada no séc. XIX para concentrar escravos norte-americanos libertos. Gaza, a sua província Natal, terra moçambicana de grandes tradições culturais e espaço humano de sabedorias ancestrais, conhecia então a ocupação colonial portuguesa. Daí que ela pertença a essa geração de africanos que percorreu os duros caminhos da libertação, com o seu cortejo de sofrimentos e conquistas, violências e êxitos. Foi uma notabilíssima geração das transições. E a esse respeito, como não recordar aquela noite de impressionante densidade histórica, no Estádio da Machava, de 24 para 25 de Junho de 1975 e aquele não menos emocionante dia 25 em que, dir-se-ia, todo o povo moçambicano ocupou com as suas marchas e os seus cantos festivos, em torrente humana que parecia inesgotável, as ruas da nova capital, Maputo? A independência de Moçambique significou um marco de grande simbolismo no percurso do continente africano. A nossa geração assistiu a essas mudanças, umas demasiado longas, outras imprevisivelmente rápidas, e carregou com o peso de inventar sociedades novas, num terreno semeado de utopias e de catástrofes.

Ministra da Educação do novo país africano, Graça Machel tem então sobre os seus ombros a responsabilidade de recriar a escola, de formar mestres, de refazer os conteúdos do ensino, de alfabetizar multidões. Em todas essas frentes deixa as suas marcas e não mais perdeu esse carácter de pedagoga, porventura herdado do tempo em que estudou línguas germânicas na Universidade de Lisboa. O cuidado pelas crianças nunca a abandonou. Cuidado aqui no sentido mais forte do termo, tal como o entendia Maria de Lurdes Pintasilgo, como atitude talvez preferencialmente feminina, feita de atenção, de generosidade, onde razão e emoção se misturam na acção dedicada.

Quando em 1990 Graça Machel cria a Associação para o Desenvolvimento da Comunidade, mais tarde Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade, tem em vista o combate à pobreza e a justiça social, cria redes de associações de mulheres rurais, mas de novo as crianças aparecem no objectivo central, sobretudo as carecidas de mais apoio: as que nascem infectadas com vírus que afectam o sistema imunitário, um dos maiores dramas da África contemporânea.

E são ainda as crianças que vêm em primeiro lugar quando, no final da longa guerra fratricida que assolou a sociedade moçambicana, Graça Machel é encarregada pelas Nações Unidas de estudar as consequências dos conflitos armados, justamente nas crianças. Trata-se de uma espécie de desminagem mental, coincidindo no tempo com essa outra tarefa gigantesca que foi a desminagem física do território, sabendo-se que as guerras modernas perduram muito para além do termo das hostilidades.

E quando, no grande país vizinho, a estrutural e profunda violência da segregação racial é superada numa transição razoavelmente pacífica e o mundo acompanha com surpresa o que parecia impensável ou, pelo menos, improvável – o fim do apartheid – aí vemos presente Graça Machel, de novo junto do poder, no centro mesmo do poder, como se a sua vocação fosse situar-se nos epicentros das grandes mudanças sociais e políticas que abalaram o continente africano.

Tudo isso lhe confere uma peculiar autoridade para nos vir falar hoje de paz e desarmamento. Conhecedora da violência, ela sabe bem medir os seus riscos e os seus efeitos. Combatente da liberdade, ela avaliará melhor a importância da paz. Face à multiplicação das armas que proliferam como metástases descontroladas, ela sabe seguramente a urgência dos esforços de desarmamento, seja à escala da grande geoestratégia, onde parece começar a fazer caminho a obrigatoriedade da opção zero para o nuclear, seja à reduzida escala dos nossos bairros, onde as armas de pequeno porte são instrumentos de morte quotidiana.

Mulher de duas pátrias, ou – talvez com mais pertinência – mulher de muitas pátrias, com uma intervenção que vai da base popular da África Austral até aos altos cargos do sistema das Nações Unidas, ela que arriscou mesmo uma incursão na iniciativa empresarial, Graça Machel será hoje portadora, para nosso benefício, de uma mensagem de maturidade, própria de quem percorreu os caminhos aqui brevemente evocados. Vinda da África profunda, os seus ideais deram-lhe uma dimensão universal. Saibamos estar à altura do privilégio de escutarmos a sua sabedoria, de modo que nas nossas vidas esses mesmos ideais se convertam em práticas susceptíveis de fazer das nossas sociedades lugares um pouco mais habitáveis, um pouco mais humanizados.